

**DIAGNÓSTICO DO ESTUDO ONOMÁSTICO
COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Sônia Maria Pereira Souza Ruas (UNIMONTES)

soniapereira.moc@gmail.com

Maria do Socorro Vieira Coelho (UNIMONTES)

soccoelho@hotmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados da pesquisa diagnóstica sobre o conhecimento onomástico de alunos do ensino fundamental. Investigaram-se quatro topônimos: o nome do país, Brasil, da cidade Montes Claros, do bairro Jardim Primavera, e da escola, Escola Municipal Celestino Pereira Salgado, além de 33 antropônimos dos estudantes. O estudo sustentou-se nos postulados da Lexicologia, da Onomástica, atrelados ao ensino da língua portuguesa. Quanto à metodologia, utilizaram-se as pesquisas documental, qualitativa e a pesquisa-ação. A diagnose foi subsidiada por um questionário constituído por 20 perguntas, cuja intenção foi averiguar o conhecimento onomástico dos estudantes quanto aos quatro topônimos e aos antropônimos, as razões que motivaram as escolhas das designações. Os resultados apontaram que todos os alunos desconhecem a motivação para o topônimo “Brasil”. Acerca da denominação da cidade, 30/91% apontaram seu nome, sem dizer a razão. Sobre o nome do bairro, 01/3% levantou hipótese sobre sua motivação. Quanto ao nome da escola, 02/06% afirmaram ser em homenagem a alguém, mas ignoram informações sobre seu referente. Quanto a seus prenomes, 21/64% dos estudantes não souberam dizer as motivações para sua escolha, nem seus significados. A despeito de seu desconhecimento sobre a onomástica, 30/91% dos discentes demonstraram interesse em conhecer os fatores motivacionais que suscitaram seus antropônimos e seus significados, e também, os topônimos relacionados a esta pesquisa.

Palavras-chave:

Antroponímia. Toponímia. Léxico onomástico e ensino.

ABSTRACT

This article presents the results of the diagnostic research on the onomastic knowledge of elementary school students. Four toponyms were investigated: the name of the country, Brazil, of the city Montes Claros, of the Jardim Primavera neighborhood, and of the school, Escola Municipal Celestino Pereira Salgado, in addition to 33 anthroponyms of the students. The study was based on the postulates of Lexicology and Onomastics, linked to the teaching of the Portuguese language. As for the methodology, documental and qualitative research and action research were used. The diagnosis was supported by a questionnaire consisting of 20 questions, whose intention was to ascertain the students' onomastic knowledge regarding the four toponyms and anthroponyms, the reasons that motivated the choice of designations. The results showed that all students are unaware of the motivation for the toponym “Brazil”. Regarding the name of the city, 30/91% mentioned its name, without saying why. Regarding the name of the neighborhood, 01/3% hypothesized about its motivation. As for the name of the school, 02/6% said it was in homage to someone, but ignore

information about its referent. As for their first names, 21/64% of the students could not say the motivations for their choice, nor their meanings. Despite their lack of knowledge about the onomastic, 30/91% of the students showed interest in knowing the motivational factors that gave rise to their anthroponyms and their meanings, as well as the toponyms related to this research.

Keywords:

Anthroponymy. Toponymy. Onomastic lexicon and teaching

1. Introdução

Este artigo apresenta resultados da análise diagnóstica da pesquisa realizada com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental em Montes Claros-MG²⁶. Seu objetivo é verificar os conhecimentos onomásticos que os estudantes possuem, sobre as denominações de lugares relacionados a seus contextos e sobre os nomes dos discentes da referida turma.

Para esse artigo foram selecionados quatro topônimos – o nome do país (Brasil), da cidade (Montes Claros), do bairro (Jardim Primavera), da escola municipal (Celestino Pereira Salgado) e 33 antropônimos (os nomes dos alunos), analisando-os quanto a sua motivação.

Este texto está estruturado em quatro partes: i) pressupostos teóricos, em que se discutem os conceitos teóricos que orientaram o estudo proposto; ii) metodologia, que descreve as etapas da pesquisa; iii) análise dos dados, que apresenta os resultados do trabalho realizado e, por último, iv) as considerações da diagnose e as referências citadas neste texto.

2. Referencial teórico

2.1. Léxico: relação entre história, cultura e sociedade

O léxico é compreendido como o conjunto de palavras de uma língua e se configura como os conhecimentos obtidos pelas pessoas no decorrer de sua vida, resultando na difusão de saberes culturais, sociais e linguísticos de um povo. Segundo Biderman (2001, p. 13-14), o léxico de uma língua natural consiste em uma forma de registrar o conhecimento

²⁶ A pesquisa diagnóstica é parte do estudo onomástico, em andamento, com alunos do ensino fundamental da Escola Municipal Celestino Pereira Salgado para a composição da dissertação de mestrado intitulada “Estudo onomástico com alunos do ensino fundamental – Montes Claros-MG”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras da Unimontes.

do universo, pode ser identificado como patrimônio vocabular de uma comunidade linguística construído ao longo dos tempos.

Nesse sentido, o léxico é visto como uma riqueza cultural, formado por signos lexicais herdados de gerações anteriores com protótipos categoriais que contribuem para a formação de novas palavras. À medida que a sociedade se desenvolve, amplia-se também o seu léxico e, conseqüentemente, requer dos usuários da língua o aprimoramento de seu repertório lexical com o intuito de atender e acompanhar as demandas da comunicação. Por isso, em conformidade com Mota (2021, p. 37), dizemos que o léxico é um sistema aberto, que se modifica em consonância com a sociedade. Palavras deixam de ser usadas, outras surgem, algumas são modificadas, logo, o léxico é infundável, sempre que aparece algo novo, surgem novas palavras ou vocábulos já existentes na comunidade linguística são ressignificados.

Cabe à Lexicologia, ciência cujo objeto de estudo é o léxico, observar, descrever, analisar e definir as palavras que fazem parte ou não do vocabulário de uma comunidade. Conforme Barbosa (1992), compete a esta ciência, também, verificar as palavras que se ligam pela relação de significados, estudar o léxico efetivo e virtual, além do vocabulário ativo e passivo; conceituar e delimitar a unidade lexical, isto é, o sintagma formado por um ou mais significantes e juntos possuem unidade de sentido de base – a lexia; averiguar e descrever as estruturas morfossintáticas, as semânticas, a estruturação, a tipologia e as possibilidades combinatórias das unidades; além de examinar as relações do léxico de uma língua com a sociedade e a sua cultura. A autora destaca, ainda, as tarefas de abordar a palavra como um instrumento de construção e percepção de um acontecimento, de princípios e valores; analisar a influência do contexto em cada palavra e sua atuação em diferentes contextos possíveis; estudar o vocabulário de um grupo de indivíduos; sistematizar os processos fundamentais de criação e renovação lexicais; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí resultantes, como, polissemia, homonímia, sinonímia, parassinonímia, hiperonímia, hiponímia, co-hiponímia, antonímia e paronímia.

O léxico é objeto de estudo, de formas diferenciadas, das disciplinas da ciência Linguística: Lexicologia (Onomástica: Antroponomástica e Toponomástica), Lexicografia e Terminologia. Essas disciplinas interessam a várias áreas de conhecimento, com objetos de estudos e perspectivas de análise variados. Esclarecemos que este trabalho se situa no

campo da Lexicologia, especificamente da onomástica e ensino. Trata-se de um dos campos de estudo da Linguística, a Onomástica, a seguir.

2.2. A Onomástica

A Onomástica é uma ramificação da Lexicologia, sua função é investigar os nomes próprios, seu objeto de estudo o é léxico. Seabra (2006, p. 1953) afirma que o léxico de uma língua constitui um arquivo que armazena e acumula as aquisições culturais que representam uma sociedade, refletindo as percepções e as experiências de um povo adquiridas no decorrer de sua existência.

Os estudos onomásticos, em conformidade com Amaral e Seide (2020, p. 34-5), se iniciaram na Europa, por volta do século XVII, cujo foco de investigação era a origem dos nomes, isto é, sua etimologia, atentando-se para a evolução dos designativos ao longo dos tempos e das línguas. No século XIX, com o desenvolvimento de pesquisas filológicas, acentuam-se os estudos cooperativistas, que também se ocupam da história dos nomes. No século XX, exacerbaram-se os estudos em relação aos nomes próprios em todo o mundo sob influência dos diversos campos linguísticos, considerando aspectos gramaticais, sociais, discursivos.

No Brasil, os estudos onomásticos surgiram no século XX, provenientes dos estudos linguísticos, por meio dos cursos de Letras e se intensificaram com o início dos programas de pós-graduação. Dentre os primeiros pesquisadores brasileiros de onomástica, destaca-se Rosário Farañi Mansur Guérios (1907–1987). O autor publicou, em 1949, o *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*, sua contribuição aos estudos onomásticos no país é de extrema relevância para muitos trabalhos contemporâneos. Outra pesquisadora é a Professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, referência nos estudos toponímicos no Brasil e pioneira do Grupo de Trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letra e Linguística. Os estudos de Dick vêm influenciando novas pesquisas na área da Onomástica.

Amaral e Seide (2020, p. 10) ponderam que a onomástica possui duas áreas de investigação: a Antroponímia, que estuda a origem de nomes próprios de pessoas, nomes individuais, parentais, sobrenomes, apelidos e alcunhas; e a Toponímia cujo objeto de estudo são os nomes de lugares, os enunciados linguísticos que nomeiam e identificam espaços de áreas rurais, como rios, córregos, sangas, igarapés, cachoeiras, monta-

nhas, serras, cordilheiras; e urbanas, a exemplo, cidades, vilas, povoados, bairros, ruas, alamedas, praças. Considera-se os seus aspectos linguístico-etimológicos, antropológicos, sócio-históricos, geográficos, o processo de denominação em épocas e localidades distintas.

Seabra (2006, p. 1954) destaca que embora a Onomástica tenha duas ramificações principais, ambas se encontram em um mesmo *onoma*, em uma área de interseção em que o vocabulário se reveste de caráter denominativo, seja como topônimo ou antropônimo. Essa interseção, deve-se ao fato, de que o vocábulo deixa seu uso pleno na língua, transitando para o uso onomástico, a fim de nomear lugares, seres e produtos, tornando-se topônimo ou antropônimo.

Para a referida autora, ao falar de toponímia e antroponímia nos deparamos com a questão da referência, tendo em vista a associação que um nomeador faz a uma determinada realidade por meio de um signo linguístico que passa a esta se referir. Isso pode acontecer de forma indireta em que o nome dado a um lugar é carregado de sentido, a identificação do referente passa pela essência do nome, sendo necessário, portanto, conhecer o seu contexto. O nome, também, pode se ligar ao referente de forma direta, sem passar pelo sentido para designar um lugar, um ser ou fazer referência a algo, pois sua acepção nem sempre se encontra armazenado na mente do ouvinte, nem na do falante, principalmente se é um topônimo muito antigo. Na maioria das vezes, o êxito de uma referência ocorre quando o ouvinte consegue identificar o referente.

Nosso trabalho insere-se nessas duas áreas, antroponímia e toponímia, uma vez que estudamos os nomes dos alunos do 6º ano vermelho, bem como os nomes dos lugares relacionados ao seu contexto, as designações para o país, a cidade, o bairro e, também, da escola em que eles estudam.

É de suma importância frisar que, para investigar os processos de nomeação desses elementos, é necessário pesquisar o contexto histórico a que se chegou tal denominação. Logo, requer uma análise linguística, etimológica, histórico-cultural, pois, conforme Amaral e Seide (2020, p. 10-11), trata-se de um estudo interdisciplinar, uma vez que dialoga com a Linguística, com a História, a Geografia, a Antropologia, a Sociologia.

Segundo Carvalhinhos (2002) os estudos onomásticos contribuem no resgate da história e preservação da memória social contida nos nomes de uma determinada região, partindo da etimologia para reconstruir os significados levando em consideração as motivações, seja pelas carac-

terísticas físicas do ambiente, dos aspectos culturais da sociedade ou pelas subjetividades do seu denominador.

Assim, dizemos que os nomes próprios estão imbuídos de crenças, concepções, princípios de grupos sociais, além de devoções, motivações e também de seus modismos e valores.

Dessa forma, consideramos em nossa pesquisa que o estudo onomástico esclarece, amplia e revigora sentimentos e saberes imprescindíveis para a formação dos estudantes como cidadãos e para a solidificação de valores constitutivos de sua realidade.

2.2.1. A Toponímia

A Toponímia é uma ramificação da onomástica. Trata-se de uma área que se dedica à investigação dos nomes próprios de lugares. Seu objeto de estudo tem como foco a motivação e o significado dos designativos locais, por exemplo, países, municípios, cidades, estados, bairros, ruas, vilas, travessias, considerando seus aspectos físicos, socioculturais ou antropológicos.

A principal referência em estudos toponímicos no Brasil é a professora Maria Vicentina Dick, com as obras *A motivação toponímica e a realidade brasileira*, de 1990a, e *Toponímia e Antroponímia no Brasil*, de 1990b, entre outras.

Inicialmente, a toponímia era vista como uma área de estudo cuja função era investigar a origem e o significado etimológico dos nomes de lugares. Todavia, quando se estuda denominações de lugares recorremos à história, à geografia, aos aspectos físicos, aos sentimentos, à religião e aos valores e convicções do denominador. Isso quer dizer que o estudo toponímico é interdisciplinar, pois se relaciona com campos do saber de outras disciplinas que para Andrade (2012, p. 205-6) possibilita o sujeito encontrar ou reencontrar a identidade, a história, a etimologia do nome na multiplicidade de conhecimentos no ato de nomear lugares.

Dessa forma, os estudos onomástico-toponímicos compreendem, em seus aportes teóricos, fatores de cunho sociocultural, histórico, geográfico, religioso e político, estabelecendo congruência entre os mais variados saberes. Para Isquierdo (2012, p. 118), as pesquisas dessa área documentam não só traços linguísticos, como também evidenciam relação entre o nome e a identidade histórico-cultural do grupo a que pertence o denominador.

Sendo assim, nosso estudo faz interface, em especial, com a história, a geografia e a linguística, uma vez que propõe investigar a motivação toponímica, ou seja, os fatores condicionadores, inspiradores que levaram à escolha do nome do nosso país “Brasil”, da cidade “Montes Claros”, do bairro “Jardim Primavera” e da Escola Municipal Celestino Pereira Salgado.

2.2.1.1. A motivação toponímica

A nomeação de um lugar não é aleatória, trata-se de um ato repleto de motivações tanto do lugar nomeado como de seu denominador. Dentre as principais funções dos topônimos destacamos a de homenagear alguém que teve influência significativa para o local; a de identificar os lugares, servindo de referência à realidade espacial do homem. Ambas as situações, compreendem um complexo linguístico, histórico-cultural de uma comunidade.

Assim sendo, ao estudar a toponímia de um local, recorre-se à memória individual ou coletiva, com seus diferentes modos de percepção de uma região, de identificação de fatos linguísticos, de ideologias e crenças e de sentimentos vividos. A oralidade, portanto, contribui significativamente o resgate de histórias, tendo em vista que muitas informações são adquiridas de forma oral por meio de vivências, saberes de pessoas mais antigas, que foram internalizados, havendo, dessa forma, uma correlação entre passado e presente, em que se busca naquele uma explicação para acontecimentos, desconhecidos ou pouco conhecidos.

Seabra (2006, p. 1957) enfatiza que os estudos onomástico-toponímicos são meios importantes de investigação linguística, que ultrapassam a função nomenclatória, referindo-se ao modo de viver de uma cultura e a maneira desta representar os seus valores. Diante disso, o léxico ocupa um lugar proeminente, tendo em vista que o ser humano adquire e desenvolve seus vocábulos a partir do contato e de vivências desde quando se começa a ouvir, reproduzir e produzir sons, palavras, frases e textos. Sendo assim, a língua, a linguagem e a cultura de um povo relacionam-se intrinsecamente.

Nessa perspectiva, Souza e Dargel (2017, p. 7) ponderam que “Estudar a língua de uma sociedade é adentrar o mundo cultural e social das pessoas que dela fazem parte desde gerações anteriores possíveis de serem resgatadas pela memória humana, histórica e linguística”. Logo, o estudo toponímico permite o contato com a história de um povo em suas

variadas esferas, concepções, expectativas e em diferentes fases de sua vida.

Destacamos a relevância da nossa pesquisa, visto que coloca em evidência a forma como os nomes dos lugares são influenciados pela vida cotidiana e vice-versa.

2.2.2. A Antroponímia

A antroponímia é outra ramificação da onomástica que estuda os nomes próprios de pessoas, sejam eles prenomes, o primeiro nome de um indivíduo, pelo qual os pais almejam que ele seja chamado e identificado na sociedade; sobrenomes, que denotam a ascendência das pessoas; ou apelidos, nomes não oficiais.

Conforme Amaral e Seide (2020, p. 9), nomear é uma atividade que o homem pratica desde os primórdios da humanidade, já que para tudo que surge há a necessidade de dar um nome, muitas vezes, o processo de nomeação está relacionado a modismos, isto é, nomes que estão na moda em uma dada época ou são designativos tradicionais que revelam atributos culturais, históricos, geográficos e identitários.

Quanto a esse fenômeno, Guérios (1981) apresenta três opções que podem justificar o ato de nomear os seres. A primeira relaciona-se à necessidade de as pessoas serem citadas, a segunda de serem chamadas e a terceira de serem diferenciadas umas das outras. Para elucidar melhor essa terceira situação, exemplificamos com o contexto da turma do 6º ano vermelho, amostra deste diagnóstico. Nela, há vários alunos com o mesmo nome, os quais são diferenciados pelos sobrenomes. Por exemplo, três alunas com o nome “Maria Eduarda”, quatro alunos que se chamam “Davi”, duas meninas com o nome “Flávia”. Nesse caso, costuma-se acrescentar o sobrenome com o intuito de especificar a qual pessoa se refere.

Carvalhinhos (2007, p. 2-3) afirma que a nomeação de pessoas pode ser desprovida da função significativa, não tendo obrigatoriamente, ligação ideológica, histórica, sendo, portanto, a expressão e o reflexo de do denominador. Logo, nem sempre o nome condiz com os aspectos físicos, psicológicos e emocionais do referente.

A motivação antroponímica decorre, constantemente, por influência midiática ou religiosa, uma vez que há uma tendência em nossa sociedade em nomear crianças com prenomes de protagonistas de novelas;

em homenagem a seu santo ou santa de devoção ou em agradecimento por uma dádiva recebida.

3. Aspectos metodológicos da pesquisa


A diagnose foi desenvolvida na Escola Municipal Celestino Pereira Salgado, situada no bairro Jardim Primavera, em Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. A amostra selecionada para este trabalho foi a turma do 6º ano vermelho, do ensino fundamental II, composta por 33 alunos participantes, sendo vinte do sexo feminino e treze do sexo masculino, com faixa etária entre dez e treze anos²⁷.

O método científico usado neste estudo foi a pesquisa-ação com estreita associação entre a realização da atividade com a geração de novos conhecimentos, no qual pesquisador e participantes se envolvem de modo cooperativo ou participativo, sob a abordagem qualitativa, em que a explicação para os fatos se dará pela coleta de dados. O objetivo é descrever e explicar os fenômenos sociais, por meio da análise de conhecimentos e experiências dos estudantes. Trata-se de uma prática efetiva objetivando a análise e a compreensão da realidade dos envolvidos na pesquisa.

Segue o quadro 1 com o questionário aplicado aos discentes.

²⁷ Informamos que a proposta de pesquisa de mestrado foi submetida e aprovada pelos pais dos alunos, direção da escola, Universidade Estadual de Montes Claros e se encontra registrada na Plataforma Brasil sob o Parecer CEP nº 5.659.225, 28 de setembro de 2022.

Quadro 1: Questionário.

 <p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS</p> <p>Pesquisa: <i>Estudo onomástico com alunos do ensino fundamental em Montes Claros.</i> Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria do Socorro Vieira Coelho. Pesquisadora: Prof^ª Sônia Maria Pereira Souza Ruas. Local: Escola Municipal Celestino Pereira Salgado/2022. Disciplina: Língua Portuguesa – 6º Ano Vermelho.</p> <p style="text-align: center;">QUESTIONÁRIO – Conhecimentos sobre Onomástica</p> <p>1. Nome completo do participante/aluno.</p> <p>2. Data de nascimento. _____ / _____ / _____</p> <p>3. Sexo: () Masculino () Feminino</p> <p>4. Escreva o nome completo do seu pai? (caso seja possível) _____</p> <p>5. Qual é o nome da sua mãe? (caso seja possível) _____</p> <p>6. Você sabe como as pessoas, os lugares, as coisas, os objetos são nomeados no Universo? () Sim Como? _____ () Não</p> <p>7. Você sabe quem escolheu o seu nome? () Sim Quem? _____ () Não</p> <p>8. Você sabe o significado do seu nome? () Sim Qual? _____ () Não</p> <p>9. Você sabe a origem do seu sobrenome? () Sim Qual? _____ () Não</p>

10. Qual é o nome do seu país? _____
11. Você sabe quem escolheu o nome do seu país?
() Sim
 Quem? _____
() Não
12. Você sabe por que o seu país recebeu esse nome?
() Sim
 Por quê? _____
() Não
13. Cite o nome da cidade que você mora no momento? _____
14. Você sabe quem escolheu o nome da cidade onde você mora atualmente?
() Sim
 Quem? _____
() Não
15. E o bairro onde você mora, qual é o nome dele?

16. Você sabe dizer por que o seu bairro recebeu este nome?
() Sim
 Por quê? _____
() Não
17. Qual o nome da sua escola? _____
18. O nome dado a essa escola foi em homenagem a alguém?
() Sim
 A quem? _____
() Não
19. Você sabe em qual ano essa escola foi fundada?
() Sim
 Quando? _____
() Não
20. Você gostaria de estudar, conhecer, pesquisar sobre seu nome e o nome da sua escola?
() Sim
() Não

Fonte: Arquivo de Ruas (2022).

4. *Pesquisa diagnóstica*

O estudo foi composto pelo questionário “Conhecimentos sobre Onomástica” que dispunha de vinte perguntas, direcionadas a trinta e três alunos do 6º ano vermelho do ensino fundamental, da Escola Municipal Celestino Pereira Salgado. O objetivo foi averiguar o conhecimento onomástico dos alunos em relação à identificação pessoal por meio do nome, filiação, com o intuito de saber a origem dos sobrenomes; bem como situacional, no que tange às referências de país, cidade, bairro e escola. Além disso, pretendeu-se saber se eles conhecem a motivação para tais designações.

A questão um do questionário foi necessária para identificar o aluno e fazer uma analogia de seu antropônimo com o de seus pais, para saber a origem dos sobrenomes, a motivação dos prenomes (caso possível), bem como sua estrutura. Já a segunda pergunta possibilitou saber a idade dos alunos e, posteriormente, identificar a recorrência do prenome em determinado período, por meio de pesquisas em sites como o IBGE. Enquanto a pergunta três objetivava saber o sexo dos estudantes, com vistas a quantificar essa informação.

As questões quatro e cinco solicitaram o nome do pai e da mãe, todavia as respostas não eram obrigatórias, uma vez que o participante poderia não se sentir à vontade em expor essas informações. Essa observação também foi passada oralmente à turma antes da aplicação. A finalidade dessas perguntas é equivalente ao intuito da questão um, no que tange ao processo analógico.

No tocante ao nome do pai (Questão 4), 26 (79%) alunos o escreveram de forma completa; 4 (12%) registraram o prenome sem sobrenome; enquanto 3 (9%) não a responderam. Quanto à denominação da mãe (Questão 5), 30 (91%) dos estudantes escreveram o nome completo e 3 (9%) não responderam à questão. Das respostas com antropônimos completos, ficou evidente que os sobrenomes são de origem paterna e materna, não nessa ordem somente.

Quando interrogados (Questão 6) se sabiam como as pessoas, os lugares, as coisas, os objetos entre outros são nomeados no universo, apenas 2 (6%) responderam positivamente, enquanto 31 (94%) afirmaram não saber.

Uma das perguntas (Questão 7) indagava se o aluno sabia quem havia escolhido o nome dado a ele, 6 (18%) desconheciam essa informa-

ção, contra 27 (82%) que indicaram saber quem havia escolhido seu nome.

Outra pergunta (Questão 8) intencionava saber se os estudantes conheciam o significado de seus nomes. O resultado mostrou que 21 (64%) afirmaram não saber a informação; 8 (24%) acusaram conhecer o significado e o escreveram; 4 (12%) também responderam positivamente, porém, não registraram o significado ou o fizeram de modo incoerente.

Quando perguntados se sabiam a origem do sobrenome que lhes foi dado (Questão 9), 12 (36%) disseram saber a origem e a escreveram na resposta; 1 (3%) respondeu que sabia a origem, no entanto, não a anotou; 20 (61%) afirmaram desconhecer essa procedência.

No tocante às informações relacionadas à toponímia do país, como a designação, 2 (6%) dos discentes se equivocaram ao dizer que o país em que vivem se chama “Montes Claros”; 31 (94%) responderam que é nomeado de Brasil. Com relação a quem escolheu o nome “Brasil” para o país, 16 (48%) afirmaram desconhecimento em relação à pergunta, enquanto 17 (52%) responderam saber e asseguraram ser Pedro Álvares Cabral. No que tange à motivação, as respostas foram unânimes, todos dos estudantes não souberam dizer a razão desse nome.

Com relação ao nome da cidade em que moram no momento (Questão 13), 30 (91%) dos participantes responderam que residem em Montes Claros. Porém, 3 (9%), referiram-se à localidade como “Minas Gerais”, denominação dada ao estado e não à cidade.

Quando interrogados sobre quem escolheu o nome da cidade em que residem (Questão 14), o resultado foi categórico, todos disseram desconhecer essa informação.

Acerca do bairro em que moram (Questão 15), todos os alunos souberam indicar o nome do local. Desse número, 31 (94%) residem no bairro Jardim Primavera, onde se localiza a escola Municipal Celestino Pereira Salgado; 1 (3%) mora no Novo Primavera; e 1 (3%) no Jaraguá II. Os últimos são bairros adjacentes ao Jardim Primavera.

No que diz respeito ao motivo de o bairro receber o nome que lhe foi dado (Questão 16), 29 (88%) afirmaram não saber a razão, 2 (6%) disseram saber a sua motivação, desse número, uma resposta continha hipótese sobre o motivo do nome e 2 (6%) não responderam à questão.

Outras perguntas direcionadas aos alunos, se referiam ao nome da escola, quem a nomeou, se o nome foi dado em preito a alguém, qual o

ano de fundação. Dentre os discentes, 2 (6%) afirmaram que foi em homenagem a uma pessoa, contudo desconheciam informações sobre ela; 31 (94%) não souberam responder à pergunta (Questão 18). Concernente ao ano de fundação (Questão 19), 30 (91%) afirmaram não saber esse dado; 1 (3%) acusou conhecimento, porém não o mencionou; 2 (6%) disseram ter sido em 2011 (resposta incoerente).

Por fim, com a intenção de verificar o interesse dos alunos em participar da pesquisa, foram questionados se gostariam de estudar, conhecer, pesquisar sobre o nome dado a eles e, também, à escola (Questão 20). Dentre eles, 30 (91%) dos discentes demonstraram interesse, contra 3 (9%) que responderam não ter esse desejo.

As respostas dos participantes serviram para confirmar a importância de nossa pesquisa, uma vez que eles desconhecem informações relacionadas à toponímia, por exemplo, o significado e a motivação do nome dado ao nosso país, cidade, bairro e escola. Além disso, ficou evidente o desconhecimento em relação à antroponímia, que diz respeito aos seus próprios nomes (motivação dos prenomes e origem dos sobrenomes).

A partir da análise e da tabulação dos dados da investigação, atentamo-nos a um aspecto relevante quanto à grafia de nomes próprios – o uso da maiúscula inicial, uma exigência da variedade padrão da língua. Conforme Cegala (2008, p. 64), escreve-se com letra inicial maiúscula a primeira palavra de período ou citação; substantivo próprio (antropônimos, alcunhas, topônimos, nomes sagrados, mitológicos, astronômicos, nomes de religião).

Verificamos, a partir da diagnose, que 18 (55%) dos estudantes não aplicaram essa regra, utilizando a letra minúscula em vez da maiúscula no início de nomes de lugares, como, “montes claros (Montes Claros)”, “minas Gerais (Minas Gerais)”, “jardim Primavera (Jardim Primavera)”. No que diz respeito aos antropônimos, 15 (45%) usaram letra minúscula para iniciar seu prenome ou sobrenome, a título de exemplo, “Ana júlia pereira soares (Ana Júlia Pereira Soares)”, “pedro auves (Pedro Alves)”.

Diante do exposto, ficou claro que embora os participantes da pesquisa estejam no 6º ano do Ensino Fundamental, muitos deles ainda apresentam dificuldades em relação ao uso de maiúsculas e minúsculas no início de topônimos e antropônimos. Há, também, casos em que o uso

de maiúsculas acontece em lugares em que as letras minúsculas seriam adequadas. Como no exemplo a seguir.

17. Qual o nome da sua escola? <u>Escola Municipal Celestino Pereira Salgado</u>
Versão digitada
17. Qual nome da sua escola? EScola MuNicipAl CelestiNo PereirA SALGADO

Fonte: Arquivo de Ruas (2022).

Os resultados do estudo diagnóstico alimentarão uma segunda etapa denominada “Propostas Pedagógicas de Prática de Ensino”, que se dará por meio de atividades envolvendo diversos gêneros textuais, a fim que de os alunos conheçam a motivação, origem e estrutura de seus antropônimos, assim como das denominações dos quatro topônimos referentes a este estudo. Além de melhorar as habilidades de falar, escrever e da participação em eventos de oralidade (entrevistas, *videocasts*, paródias).

5. À guisa de conclusão

Ressaltamos, na conclusão desta etapa da pesquisa, realizada na escola Municipal Celestino Pereira Salgado que há pouca incidência de trabalhos envolvendo Onomástica, Antroponímia, Toponímia e Ensino. Até onde sabemos este é o primeiro trabalho que está sendo desenvolvido no Curso de Letras da Graduação e Pós-graduação da Unimontes.

Ainda que a pesquisa não tenha sido concluída, acreditamos que este estudo contribuirá para o ensino em Montes Claros, em Minas Gerais, e até mesmo no país, tendo em vista que essa diagnose serviu de pilar para a geração de conhecimentos inéditos e ainda não publicados.

Para essa investigação, fizemos um estudo sobre Onomástica, uma disciplina que estuda os nomes próprios, e principais ramificações: Antroponímia, que estuda os nomes de pessoas; Toponímia, que estuda os nomes de lugares, com vistas a conhecer os fatores motivacionais na escolha dos nomes de lugares e pessoas.

Buscamos, aqui, apresentar os resultados da diagnose, realizada com os alunos do 6º ano do ensino fundamental em Montes Claros, por

meio de um questionário que tencionava averiguar os conhecimentos onomásticos dos estudantes relativos a denominações relacionadas ao contexto dos alunos e a seus prenomes e sobrenomes.

Os resultados obtidos apontaram que todos os alunos desconhecem a motivação para o topônimo “Brasil”. Acerca da denominação da cidade, 30 (91%) apontaram seu nome, sem dizer a razão. Sobre o nome do bairro, 1 (3%) levantou hipótese sobre sua motivação. No tocante ao nome da escola, 2 (6%) afirmaram ser em homenagem a alguém, mas ignoram informações sobre seu referente. Quanto a seus prenomes, 21 (64%) dos estudantes desconhecem suas motivações e significados. No que concerne aos sobrenomes, 20 (61%) dos alunos disseram não saber sua origem.

Diante do exposto, é de suma importância que esta etapa seja a base para o desenvolvimento de atividades que proporcionem aos alunos o contato com a história dos topônimos e antropônimos inerentes a esta pesquisa.

Por meio desse recorte, percebeu-se, também, conhecimentos ainda não consolidados concernentes à norma ortográfica da Língua Portuguesa, referentes à acentuação gráfica de palavras, pontuação, concordância verbal e nominal, início de nomes próprios com letra maiúscula, uma vez que ficou evidente a inadequação de seus usos no diagnóstico aplicado.

Com as reflexões trazidas aqui, e os resultados da diagnose esperamos incitar novas pesquisas nos campos dos estudos onomásticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque; SEIDE, Márcia Sipavicius. *Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira*. São Paulo: Blucher, 2020.

ANDRADE, K. S. Os nomes de lugares em rede: um estudo com foco na interdisciplinaridade. *Domínios de Linguagem*, v. 6, n. 1, p. 205-25, Uberlândia, 2012. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiusdelinguagem/article/view/14557>. Acesso em: 23 ago. 2023.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: II Simpósio Latino-Americano de Terminologia. I Encontro Brasilei-

ro de Terminologia Técnico Científico. *Anais...* Brasília: CNPQ/IBICT, 1992.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A.M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 13-22

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus; ANTUNES, Alessandra Martins. Princípios teóricos de toponímia e antroponímia: a questão do nome próprio. *Cadernos do CNLF*, v. 11, n. 3, p.108-21. Rio de Janeiro: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

DICK, Maria Vicentina de Paula Amaral. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. São Paulo: FFLCH-USP, 1990.

_____. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990b.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A toponímia como signo de representação de uma realidade. *Fronteira – Revista História*, v. 1, n. 2, p. 27-46. Campo Grande: UFMS, 1997.

_____. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In: ISQUERDO, A.N.; SEABRA, M.C.T.C. (Orgs). *As ciências do léxico: lexicologia, Lexicografia e Terminologia*, v. VI. Campo Grande: UFMS, 2012, p. 115-39

MOTA, Raquel Ribeiro Guimarães. *A toponímia no ensino fundamental: um estudo sobre os nomes dos logradouros de Alvação, distrito de Coração de Jesus*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Departamento de Comunicação e Letras, Universidade de Montes Claros, Montes Claros-MG, 2019. 308p.

SEABRA, Maria Cândida Trindade. Referência e onomástica. In: MAGALHÃES, J.S.; TRAVAGLIA, L.C. (Orgs). *Múltiplas perspectivas em linguística*. Uberlândia: EDUFU, 2008.

SOUZA, Alexandre Melo de. DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces. *Revista GTLex*, v. 3, n.1, p. 7-22. Uberlândia: DOI: 10.14393/Lex5-v3n1a2017-1. 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/53813>. Acesso em: 23 ago. 2023.